

REAL x IDEAL

Ana Paula Varella Ferreira

Quando somos crianças, freqüentemente nos apaixonamos por figuras lendárias: cantores, atores, atletas, professores. Passamos horas fantasiando histórias de amor; imaginamos lindos sonhos e romances maravilhosos.

Um dia, tudo isso passa e nós então nos encantamos por pessoas mais próximas, mais acessíveis, mais reais, e volta e meia chegamos à conclusão que tudo aquilo era muito mais verdadeiro na nossa imaginação do que na realidade: **aquele amor era platônico.**

O platonismo nunca me pareceu tão atual como nos dias de hoje, seja para crianças, adolescentes ou adultos. A verdade é que **tem coisas que realmente são melhores na fantasia do que na realidade.** Todos os dias, nos encantamos com coisas que nos circundam e que nos prometem maravilhas. Formamos idéias acerca de pessoas, coisas e lugares, e essas idéias nos nutrem, nos movem, nos comovem. Como num sonho distante, aguardamos, com toda a esperança, que um dia aquele sonho se concretize.

Passamos a vida inteira idealizando e esperando por algo. Uma promoção, uma grande viagem, um amor encantado. Sacrificamos relações; nos automatizamos no tempo; fazemos correr os relógios, esperando por um 'algo' nos espreitando lá na frente. E quando finalmente chegamos perto daquilo que tanto almejamos, descobrimos tristemente que preferíamos continuar sonhando: em vez de ruínas históricas, uma viagem de sonho incluía também um cheiro de esgoto; em vez de um salário maior, somente obtemos mais estresse; o nosso amor nos decepcionou e estamos novamente sozinhos.

A tendência é amaldiçoar a realidade. Dizer que não tem jeito. Culpar o outro. Mas será que existem culpados quando o que está em jogo são **as possibilidades concretas de a realidade corresponder à nossa fantasia?** Quem disse que querer é, necessariamente, *poder*? Não seria melhor construir expectativas *reais* sobre coisas *reais*, construindo então castelos *reais* cujos alicerces suportem *realmente* o peso do nosso dia-a-dia?

Meus pacientes com frequência me perguntam: sou pessimista, doutora? Eu respondo: hoje em dia, ser realista se aproxima bastante de ser pessimista – vamos combinar que a realidade não está fácil para ninguém.

Nesse sentido, **fantasiar castelos encantados pode parecer a única alternativa imaginável para escapar de uma realidade cheia de obstáculos, ao invés de ponderar, transformar, e adaptar.** Mas otimismo não é o mesmo que ingenuidade.

Confrontar-se com a realidade de nossas expectativas costuma ser o que eu chamo de remédio amargo. **Somente o contato com o real pode salvar alguém de isolar-se dentro de seus próprios parâmetros inatingíveis,** e reconhecer a complexidade das situações e a dificuldade das conquistas não faz de ninguém um pessimista. Tolerar dados de realidade e adaptar sonhos e planos para as possibilidades concretas que o mundo nos oferece é **sinal de bom senso, maturidade e de sanidade mental.** Já dizia o ditado: a expectativa é a mãe da frustração. Eu completo que a idealização é avó das duas.

Precisamos sonhar para viver – já dizia Monteiro Lobato que a princípio, tudo parece sonho ou loucura. Simpatizo com Lobato, mas sou forçada a complicar: se no princípio de tudo está o sonho, a realidade está no processo, e a satisfação nas possibilidades.